



O Jardineiro das Almas: Folkcomunicação & Literatura em Luiz Beltrão

Eliane Penha Mergulhão Dias¹
Katsuji Watanabe Júnior²

Resumo

O estudo está situado na área de Metodologia, dando prosseguimento às discussões das bases teóricas da Folkcomunicação e ampliando o lastro junto aos métodos de pesquisa, que circunscrevem os diversos objetos da área. Dessa forma, apresentamos neste artigo um breve estudo sobre crença e cultura popular a partir de “A botija”, conto do livro “Contos de Olanda” em cuja narrativa Beltrão faz uma arqueologia de hábitos, modo de vida e crenças de uma personagem literária incomum – por sua raridade – numa cidade do Nordeste. Nesse conto LB levanta elementos de crenças do povo e da fé religiosa sem, contudo, resvalar para o lugar comum das crendices. Nossa análise se detém nos marcos folkcomunicacionais, sempre enfatizando a importância da obra literária beltraniana para os estudos da Folkcomunicação. A intenção deste estudo, portanto, é a de manter a análise sistemática dos contos de Beltrão – como vimos fazendo até aqui – com vistas a que mais um segmento possa ser explorado, sob os diferentes aportes metodológicos utilizados na realização dos estudos dessa natureza, em que a base teórica das ciências sociais focaliza a Folkcomunicação.

Palavras-chave: Análise literária. Conto. Folkcomunicação. Luiz Beltrão. Metodologia.

Introdução

A escolha de “A Botija” dentre os contos do livro de Luiz Beltrão, “Contos de Olanda”, vem ao encontro do tema da XVI Conferência Brasileira de Folkcomunicação porque, nessa narrativa, o autor trata de questões da cultura popular, numa análise tanto cultural quanto política e social, delineando os elementos das crenças e modos de vida das gentes de uma Recife que, naquele momento, enfrentava as transformações cruciais do Séc. XX.

¹ Mestre em Língua Portuguesa (PUCSP); Doutora em Comunicação Social (UMESP); Professora FATECSJC, UNIPSJC. E-mail: <elianemerghao@terra.com.br>

² Graduando ETEP, orientando da Professora Eliane Mergulhão no Projeto ITA-SJCSP. E-mail: <katsujir@gmail.com.br>



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

Nos estudos da Folkcomunicação, os métodos e estratégias de abordagem temática estão passando constantemente por mudanças e sendo, a cada dia, enriquecidos por novos aportes metodológicos. Na discussão de como a representação literária, em sendo expressão das relações sociais e crenças seculares, tornam-se o lugar em que se mantêm e se atualizam as crenças de um grupo, o conto demonstra algumas dessas relações, cuja personagem vive uma experiência de natureza subjetiva e pessoal. Mas, também, esta personagem – é nossa leitura – em seu perfil demonstra a consciência do homem simples, do homem do povo.

Assim, o estudo procura demonstrar que os elementos culturais contidos na narrativa beltriana são também elementos folkcomunicacionais, presentes na cultura nordestina. No entanto, pode-se afirmar que o perfil humano – com sua fé e sua moral – desenhado por Luiz Beltrão, é brasileiro, sobretudo, e pode ser encontrado entre os representantes do povo na cultura de outras regiões do país, sendo a religiosidade parte integrante de seus valores humanos e culturais.

O jardineiro e seu jardim de cruzes

A apresentação da personagem é feita logo no primeiro parágrafo, sem rodeios e com riqueza de informações fundamentais.

Juca da Paixão morava numa casa de taipa na Rua dos Gatos, caminho de cemitério. O que era muito conveniente para o sujeito que, na cidade, tinha mais intimidade com os defuntos. Era coveiro, profissão que passava na família de pai para filho.

Na cultura popular e, por decorrência, na Folkcomunicação, a morte é tratada de modo diverso de como a entendemos hoje na cultura pós-moderna, asséptica e medicalizada em que vivemos. No ambiente literário de Beltrão, no território da fé e dos procedimentos de cuidado da vida terrena, a morte é vista de modo natural em face da existência, e tratada como efeméride no plano social e religioso. Todos os movimentos que dizem respeito à passagem da vida para a morte são vistos com uma aura de sagrado, de algo respeitoso.



Nesse sentido, entendemos que, para Beltrão, colocar um coveiro como protagonista de um conto leva-nos a entender sua posição como sendo a de uma atitude reveladora dos modos de vida das gentes simples do interior, cujo respeito pela morte é de modo distinto de como se vemos hoje. Vejamos como ele descreve o quotidiano de Juca:

Para falar a verdade, o trabalho de Juca era árduo: não tinha domingo, feriado ou dia santo, pois a morte não respeita calendário religioso ou civil. Da manhã à noite, todos os dias, Juca e seu ajudante Fonfon (assim chamado por falar pelo nariz), cavavam covas rasas, transferiram ossadas para o depósito comum, limpavam jazigos, traçavam cimento e areia, empilhavam tijolos, sepultavam anjinhos, donzelas, gente moça e velha. As obras de arte – caiação, colocação de lousas, ajardinamento, Juca da Paixão as reservava para si. Fonfon que não metesse o bedelho: só ele sabia o que os mortos gostariam de ter por perto, enquanto os vermes consumiam seus corpos, reduzindo tudo a esqueletos que meio se esfarinhavam quando chegava o dia da transladação.

No realismo da narrativa beltraniana, questões que em nosso meio ainda são tabu, ali, são tratadas crumente e sem rodeios. A morte, a desintegração dos corpos, o traslado dos ossos e a rotina do cemitério. Mas o que chama atenção na destreza de narrar de LB é justamente o contraponto entre a crueza da realidade imutável da morte material e o ritual – que preserva o lado sagrado e religioso – nas tarefas que fazem parte da morte. E ele continua:

Ninguém pense que os cuidados do coveiro terminavam com a colocação da lousa de mármore com o nome do defunto, as datas do nascimento (precedida de uma estrela) e da morte (antecipada por uma cruz) e o pedido de oração nas iniciais **P.N.-A.M.³**. Era preciso estar sempre de olho, especialmente no tempo chuvoso, para não desmoronarem as sepulturas, não se criarem ervas-daninhas ao redor, para prevenir o crescimento demaisado de raízes das poucas árvores que davam sombra às alamedas do campo santo. Por isso, muitas vezes, à noite, sobretudo quando havia luar ou quando queria fugir aos ensaios do **Vassourinhas**, cuja sede ficava ali perto, Juca se punha a andar por entre as quadras do cemitério. Ali tudo era tranquilidade: o vento soprava de leve sobre as árvores, uma ou outra ave noturna caçando insetos, vagalumes, as louças branquejando os túmulos, *a floresta de cruzes das covas rasas*, o anjo de mármore chorando sobre

³ Pai Nossa, Ave Maria.



o mausoléu dos Cavalcanti, a torre da pequena capela com seu sino que só tangia no dia de Finados. (grifo nosso)

Na cidade de Recife, os carnavais são famosos, com seus blocos de rua, de frevo, e bandas tocando para o povo dançar. Aqui, no conto, ele contrapõe o Carnaval às procissões religiosas que, ao menos do ponto de vista cultural, certamente vem reafirmar o caráter sagrado da morte. E para corroborar nossa análise de que nesta narrativa é a morte a verdadeira protagonista do conto, atentemos para o que LB coloca na boca da personagem Juca com relação a suas escolhas e o que diz sobre a procissão de *Corpus Christi*:

De longe, chegava o eco da orquestra de sopro e percussão do **Vassourinhas**. Juca dava um muxoxo: desdenhava do carnaval. Preferia as procissões e, entre todas, a do Senhor Morto, os irmãos das confrarias do burel, coroinhas tocando matracas, a banda de música soturna e, sob o pálio roxo, a imagem do Deus Homem retirado da cruz e dos braços de sua mãe sendo levado para o sepulcro, que bem podia ser no seu cemitério e não numa igreja, onde só se enterravam bispos e ricaços. Garantia que se levassem Jesus para ele, faria um trabalho perfeito: *era bem capaz de ter evitado que aquele anjo, que vira numa gravura da Ressurreição, abrisse o túmulo para deixá-lo subir ao céu, os amigos ficando saudosos tomados pela tristeza de uma separação sem remédio.* (grifo nosso)

É comovente a ingenuidade da personagem. Beltrão consegue transmitir a pureza de sentimentos de uma criatura simplória, e sem preconceito. No entanto, na simplicidade da dedicação e na demonstração do amor ao Cristo, representados na personagem do coveiro, o autor não se furta de fazer uma leve crítica a algumas práticas da igreja secular.

O Anjo mensageiro e o Sonho repetido

A mudança do cenário realista para o sobrenatural acontece, mudando de modo crucial a narrativa. Logo após Juca fazer uma preleção sobre o fato de que assombração e alma penada não existem, eis que a personagem passa por uma experiência sobrenatural.

Tudo acontecera em sonho. Certo dia, enterrado o último defunto, uma velhinha entrevada que viera da Rua da Cadeia, o coveiro sentiu



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

que ia ter uma gripe muito forte. O corpo doía-lhe, a cabeça pesava-lhe, as pálpebras serravam-se. Fez um esforço, preparou e tomou um chá de limão bem quente com acônito e foi agasalhar-se, ainda não eram oito horas. E, lá pelas tantas, estava no cemitério, aos pés do mausoléu dos Cavalcanti, quando o anjo, lá do seu pedestal, falou:

E ainda que Juca não quisesse dar crédito ao sonho com o Anjo, por mais que tentasse dormir de novo, o sonho se repetia. E assim foi até ele ceder e conferir o que a voz lhe mandava que fizesse. As instruções eram as seguintes:

— “Do portão até a jaqueira grande do Bom Sucesso são trezentos e sessenta e seis passos. Daí, você vai andando na direção do Monte, passa pela bica e continua paralelo com o muro do sítio de seu Antônio Julião. Adiante está o último poste da iluminação elétrica, donde você conta mais cinquenta passos e dobra à esquerda. Continue andando outros cinquenta passos na reta. Tem muito mato, jurubeba, mamona, capim santo, mas não tenha medo de cobra ou escorpião, que tudo foi afastado. No fim, você irá topar com pedras antigas do alicerce de uma casa. Justamente no ângulo direito dos alicerces conte cinco palmos para dentro, cave e desenterre um pequeno baú de madeira laqueada, que abre com uma chave que está em uma caixa de ferro, a cinco palmos para fora”. [...]

“Do que estiver guardado dentro, deixe no lugar a primeira peça; a terça parte dê para a igreja do Monte, com a obrigação de serem rezadas noventa e nove missas pelas almas do Purgatório. E do resto, Juca da Paixão, faça o melhor proveito!”.

E a narrativa continua com detalhes, de modo a dar credibilidade ao fato, como se este fosse algo possível de acontecer em qualquer lugar do mundo, em qualquer cemitério onde haja um mausoléu com um anjo de mármore encimado ao portal, vigiando a porta da morada última do ente que ali fora sepultado. Então, depois muito relutar, o Juca obedece ao anjo:

No terceiro dia, não conseguiu conciliar o sono interrompido. Decidiu, então, ir ao cemitério e, partindo do portão, cumprir o roteiro que lhe fora indicado pelo anjo dos Cavalcanti. Partiu levando apenas a pá de pedreiro que utilizava para cimentar a junção de tijolos nos túmulos. Exatamente nos locais indicados, encontrou a botija e a caixa de ferro com a chave. O baú pouco fora afetado pelo tempo e pela umidade; a chave não se enferrujara e a fechadura, intacta, deixou-se abrir como se estivesse azeitada. A botija estava repleta de moedas antigas, a primeira das quais, um dobrão de prata do tamanho dos tostões de cobre de sua infância. Juca da Paixão deixou-a cair no fundo da cova, cobriu os buracos com terra, lançou sobre eles os matos que arrancara.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

Era alta madrugada quando retornou à Rua dos Gatos, sem encontrar vivalma pelo caminho.

Aqui se estabelece o conflito. Se Juca da Paixão dizia às crianças que: “— No cemitério, menino, não tem alma humana nenhuma. Quando o defunto vai para lá, a alma já correu pro céu, voando mais alto do que o Zepelin, mas rápido do que o Jaú ou aqueles aviões da Condor. Lá só fica o corpo, menino, que os bichinhos da terra comem, e que vira lama para fertilizar o chão e fazer nascer a grama, as árvores, as flores”.

Para Juca da Paixão não existia lógica em sentir medo dos mortos. Mesmo assim ele os tratava com atenção e cuidado. Para ele, quem tinha alma eram as flores. Veja como ele explicava às crianças o porquê de cuidar das sepulturas:

As flores sim, menino, têm alma, alminhas como as de vocês quando são bonzinhos. *As almas das flores não causam medo a ninguém*, só embelezam as sepulturas dos mortos velhos, dos avós, das mães, de gente caridosa, de gente pobre. Vocês não veem que os ricos enfeitam seus túmulos com coroas de flores de flandres, pintadas, como as que seu Ludgero vende na sua funerária? *Para os pobres, que não recebem visitas nos finados, eu sempre planto umas florezinhas do campo, açucenas, margaridas, verbenas, que não murcham nem enferrujam, mas se renovam por si mesmas a cada semana.* Eles merecem, menino: não tiveram nada da vida! (grifo nosso)

Luiz Beltrão contrabalança racionalidade e crença, mundo objetivo e subjetivo. Sua personagem, mesmo tendo achado a botija de moedas, continua meio cético:

Havia gente que jurava e batia fé que já vira no cemitério o fogofátu, aquela luz azulada percorrendo velozmente as alamedas, parecendo uma serpente que dançava e pulava além das cruzes dos jazigos mais altos, partindo-se em duas e até em três, que só se apagavam pela madrugada. Seriam almas impenitentes, purgando seus pecados, almas de avarentos que haviam morrido com dinheiro escondido, de irmãos que se tinham amasiado, de mulheres adúlteras, de sedutores de crianças. Mas, nem mesmo depois de haver desencavado a botija, Juca da Paixão jamais viu ou falou com uma alma de verdade.

E agora estava ele diante de um mistério: não acreditava em almas, mas tinha que admitir que algo sobrenatural acontecera, já que a prova estava em suas mãos. O anjo de mármore não poderia ser o autor da voz do sonho, mas era sua própria



representação que lhe veio trazer aquela notícia. Em posse do tesouro, portanto, Juca começa a experimentar uma nova situação.

O conflito entre sonho e realidade

Durante uma semana, à noite, portas trancadas, ia separando as moedas da botija pelo seu tamanho, formato, desenho, metal e, sempre que indicava algarismos arábicos ou romanos, pelo ano de emissão nelas gravado. Os montículos de moedas, umas poucas de ouro, grande porção de prata e um numero variável de cobre e níquel, iam-se acumulando lado a lado, ao fundo das prateleiras do armário em que guardava desde suas poucas peças de roupas até panelas, frigideiras, bules, pratos, xícaras, latas, potes e vidros. [...].

Nesse trecho do conto, o autor começa a narrar a parte material da experiência, melhor dito, o trabalho braçal de lidar com o tesouro encontrado, graças à ordem do anjo recebida em sonho.

Feita a contagem, o tesouro, de cujo valor total não tinha a mínima ideia, se compunha exatamente de 366 peças, sem contar a primeira sobre a qual pusera os olhos, deixada no sítio em que desencavara a botija. Escrupulosamente, separou 122 moedas, sempre retirando um terço de cada pilha, juntando-as numa bolsa que pertencera à sua mãe, e que escondeu sob o colchão: aquela era a parte da igreja do Monte.

Juca da Paixão era um homem simples e de pouco traquejo de mundo. Ele faz a contagem numérica das moedas sem ter ideia de quanto tem em mãos nem como vai fazer para atualizar o valor para moeda corrente. Parece que ele tinha apenas vaga ideia dessa realidade: “Não sabia ainda o que faria para transformar as moedas em dinheiro vivo, todas desde há muito recolhidas pelos governos emitentes”. De qualquer modo, alguma noção ele foi tendo à medida que ordenava o misterioso *butim*: sobre as moedas, percebeu “Que elas representavam muito, não tinha dúvida”.

Só o peso das moedas de ouro e prata dava para torná-lo um homem abastado se conseguisse derreter o metal e vendê-lo ao governo. Mas aí teria de explicar como conseguira as barras de metal precioso, e ninguém iria acreditar naquela versão de botija e anjo falando. Pensariam, isto sim, que fora aos poucos violando sepulturas arrancando dentes de ouro dos defuntos, recolhendo alianças, subtraindo cordões e medalhas de prata ou outras joias acaso sepultadas com os mortos de famílias ricas.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

Beltrão coloca em choque a realidade da personagem. Realmente, pode-se inferir, de que modo um homem pobre, cético e além do mais afeito ao seu trabalho, sem ausentar-se dali, sem receber visitas nem herança, iria de um dia para outro aparecer com uma fortuna em ouro e prata? Pois este deve de ser o drama de todo aquele que toma para si riqueza alheia sem ser, ele mesmo, rico também.

Mas o Juca precisava ter certeza do valor de pelo menos uma das moedas. Assim, vamos acompanhar a trajetória do coveiro para se certificar do valor de suas moedas:

Foi na terceira semana que Juca da Paixão se lembrou de seu Salomão, um judeu que negociava com joias, vendendo-as a prestações pelas casas de ricos e remediados da cidade. Seu Salomão levava sempre numa caixa de couro uma balancinha com minúsculos pesos, com os quais avaliava as peças que vendia ou comprava dos fregueses. Levou dois dias, no intervalo que comumente havia entre onze horas e três da tarde no cemitério, a zanzar pelo Guadalupe, pelos Quatro Cantos, pela Ribeira e pela Rua de São Bento na pista do gringo. Uma tarde, enfim, quase na hora de retornar ao trabalho, avistou o judeu, que vinha com a sua maleta de joias, a caixa de couro da balança dependurada a tiracolo. Alcançou-o ao lado do Jardim Público, chamou-o para um banco lá no meio, perto de um tanque em que uma tartaruga tomava sol nas pedras emergentes. Sacou do bolso uma das moedas de ouro. Os olhos de Salomão brilharam de cupidez, mas logo seu rosto assumiu um ar de indiferença, até mesmo uma ponta de menosprezo.

— Eu queria que o senhor pesasse e avaliasse essa moeda para mim.

O judeu tomou a moeda, colocou-a na palma da sua mão, sopesou-a. Depois, levou-a à boca, mordiscando o duro metal:

— É ouro mesmo. Dezoito quilates. Vamos ver agora quanto pesa.

Abriu a bolsa preta, retirou a balança, armou-a, pôs a moeda em um dos pratos e, no outro, algumas das pequenas medidas, substituindo-as até que os pratos se equilibraram. Murmурou algumas palavras, das quais o coveiro só entendeu uma, nada tranquilizadora: “...onças”. Chegou a assustar-se: não sabia que no jardim havia onça. Macaco, sim; um casal de veados, uma preguiça, um cágado e tartarugas, mas onças?

— O senhor quer vender?

— Depende do preço seu Salomão.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

[...]

— Bem, se o ouro fosse de vinte e dois quilates... valeria mais. Sendo uma liga fraca... desvaloriza um pouco. Como moeda, seria melhor de uma emissão mais antiga. Esta é recente, 1922, muito encontrada no mercado. Vamos dizer... cento e trinta mil reais.

Nestes parágrafos do conto, o autor passa ao leitor uma grande quantidade de informações que, analisadas, dão conta de desvelar os hábitos quotidianos do coveiro, seu horário de trabalho e de descanso, o hábito da sesta após o almoço. A personagem do judeu é outra figura que faz parte do cenário cultural de Recife. Apesar de parecer caricatura, Salomão é o típico mascate, conhecido da maioria dos brasileiros que vivem ou viveram no interior do Brasil. Também, é conhecida a matreirice desses mascates na hora de negociar com seus clientes em potencial. Juca sabia disso e precaveu-se.

Juca da Paixão estava pensando rápido pela primeira vez em sua vida. Se o gringo oferecia aquele dinheirão ao primeiro lance é que a moeda valia muito mais. Por outro lado, para aquele que ganhava cinquenta mil réis por mês da Prefeitura para trabalhar duro, todo o santo dia no cemitério, aquela importância era uma fortuna. Seu Salomão não estava gostando daquela demora. Adquirir por uma ninharia aquela moeda era uma boca de cano. Adiantou-se em uma nova oferta:

— Vá lá mais dez mil reais. Afinal, o senhor *non* andou por aí oferecendo a mercadoria a qualquer um, deu preferência ao *Salomon*... merece consideraçõ...

— Não, seu Salomão! Penso que vale mais! Vou...

— *Non* vá, homem de Deus! *Salomon* sabe guardar segredo, *non* fala pra ninguém que comprou moeda do senhor...

Uma questão delicada: todo comprador de antiguidades sabe que corre o risco de comprar objetos ilegalmente adquiridos, e Salomão estava ciente e já tratou de tranquilizar o Juca para que este lhe devotasse confiança e fizesse logo o negócio. E aqui é o Juca que se irrita com aquilo que entendeu como insinuação de que a moeda lhe chegara de modo escuso:

— O senhor está enganado. Não roubei ninguém, somente achei esta moeda e umas outras de prata...



— O Salomon *non* disse que amigo tinha roubado, o Salomon *non* faz mau juízo de ninguém. Tá bem, eu dá mais cinco mil réis e *non* se fala mais nisso. Depois, pode trazer moedinha de prata que a gente faz negócio.

— E a de prata, quanto vale?

— Uma de prata, do tamanho desta aqui, lhe pago noventa mil réis. E *enton*, amigo Juca, em que ficamos?

— Chegue aos cento e cinquenta e a moeda é sua!

O gringo fez um ar de conformação:

— O senhor me venceu, seu Juca!

Tirou uma carteira ensebada do bolso, selecionou duas cédulas de cinquenta mil e cinco de dez mil reais. Juca embolsou-as e se levantou apresado: os defuntos frescos o esperavam.

Cumprindo o dever de fé

O conto continua: “Fazia exatamente um mês que desencavara a botija e uma semana do seu encontro com Salomão quando Juca da Paixão rumou para a igreja do Monte, pleno meio-dia, levando a parte das almas do tesouro que o anjo dos Cavalcanti lhe entregara em sonho”.

Por mais que ele estivesse acuado ante a possibilidade de ser descoberto e julgado, a parte da Igreja ele havia de cumprir o que o anjo lhe confiara. E nesse ponto, Beltrão mostra através de sua personagem a pureza de caráter que se encontra nas pessoas simplórias, nos filhos do povo. Em nenhum momento Juca pensou em desobedecer às ordens do anjo. Ainda que não tivesse ideia do iria acontecer, tomou para si o dever e foi cumprí-lo.

Ao passar ao largo do poste de iluminação, além do sítio de seu Antônio Julião, no Bom Sucesso, espichou os olhos na direção do matagal, que dava acesso ao lugar onde encontrara o baú com as moedas. O matagal havia desaparecido: tinham derrubado jurubebas, mamonas e cidreiras, haviam limpado o terreno, a área era ocupada por montes de tijolos e pilhas de areia. Estavam construindo uma casa sobre os alicerces de pedra que restavam indestruídos.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

Juca chegou à igreja do Monte, levando entre as hastes do guarda-chuva a bolsa velha de sua mãe com as moedas. Em letras de imprensa, escrevera num pedaço de papel de embrulho: PARA AS ALMAS DO PURGATÓRIO, tal como pronunciava o nome daquele lugar de sofrimento e esperança reservado à purificação dos pecadores como antessala do Paraíso. A igreja estava aberta, mas, àquela hora, não havia ninguém. Imagens grandes e feias olhavam para o alto, dos nichos dos altares laterais. Somente uma freira, Santa Escolástica, curiosa como toda mulher, o acompanhou com os olhos enquanto ele subia os poucos degraus do altar-mor e depositava a bolsa recheada por trás da estante do missal. Depois, tratou de afastar-se da igreja, descendo a encosta quase correndo. Também dessa vez não encontrou transeuntes, salvo quando atingiu a bica do Bom Sucesso.

Interessante notar que o clima de sobrenatural continua se manifestando na narrativa. Primeiro, o anjo avisa que afastou os insetos peçonhentos do caminho por onde Juca teria de passar para ir desencavar o tesouro. Depois, na volta a casa não encontrou vivalma. Ao dirigir-se à igreja tampouco foi abordado nem reconhecido. Ao deixar o tesouro no altar, também sem testemunha, voltou correndo para sua casa sem ser incomodado. Como se seus passos estivessem planejados desde um plano incompreensível. Mas os resultados não tardaram a aparecer:

Quando o monge, Dom Ulrico, encontrou sobre o altar a bolsa cheia de moedas antigas, botou a boca no mundo. Além de seis moedas de ouro, havia mais de trinta de pura prata e as restantes, embora de metais menos valiosos, representavam uma fortuna para colecionadores de todo o mundo. O achado foi comunicado às autoridades, abriram inquérito corriam diferentes versões sobre a origem do tesouro, aqui e ali surgiram caçadores de botijas. Fonfon, com sua voz anasalada, comentava para Juca da Paixão:

— Uns com tanta sorte, só! Outros, como nós, com pá e picareta, preparados para desencavar qualquer botija, e levando anos e anos a enterrar e desenterrar defunto. Já reparou, seu Paixão, que o pessoal tira até os dentes de ouro dos mortos antes de mandá-los para cá? De alianças e anéis, nem se fala!

Juca não respondia nada. Um dia, cruzara com seu Salomão, procurara escapar-lhe, mas o gringo o alcançara:

— *Enton*, seu Juca, quando será que a gente vai fazer outro negocinho daqueles?

— Não tenho mais nada, seu Salomão — mentiu o coveiro. O judeu piscou-lhe o olho:



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

— Ora, ora, seu Juca da *Paixon!* *Non* me diga que deu tudo aos frades! E as moedinhas de prata? Olhe, lhe pago até mais do que prometi e faço boca de siri, pode crer.

A partir do momento em que Salomão ficou sabendo do ‘milagre’ acontecido na igreja, ele já deduziu que havia levado as moedas e deixado atrás do altar. Por isso, o judeu deve de ter imaginado que mais moedas deveriam estar a sua espera, e isso fez com que seu interesse pela riqueza do Juca aumentasse.

Custou a desvencilhar-se do gringo. Porém não se livrou da culpa da mentira. O tesouro, tirante a parte das almas, permanecia com apenas uma moeda de menos. Uma fortuna, muitos e muitos contos de réis, sabia agora, com toda a celeuma que a revelação do monge provocara. Que fazer com aquele dinheiro? Juca não tinha mais paz de espírito. Estava se descuidando do cemitério, evitava ir para os lados do Bom Sucesso, pouco saía para não dar de cara com Salomão.

Nessa altura da história, o tesouro já estava se transformando em um pesadelo. Juca temia não só ser injustamente acusado de ato ilícito como também temia que aquela fortuna caísse em mãos erradas. Após o estardalhaço do padre, ele teve noção do montante da riqueza que tinha em mãos.

O clímax

Como diz o ditado popular, Juca foi colocado entre a cruz e a espada! Recebeu uma “herança”, mas não podia usufruí-la, sequer em parte. Se contasse a história do anjo e do sonho, ninguém iria acreditar nele; justo ele, que não acreditava nem nunca havia visto alma no cemitério. Seu temor de ser mal interpretado e, com isso, perder a credibilidade junto às pessoas de suas relações, levou-o a tomar uma decisão.

Afinal, não aguentou mais: resolveu desfazer-se das moedas. Não tinha em que gastar. Não podia repetir a doação à igreja. Precisava arranjar um meio de fazer voltar o tesouro ao seu esconderijo, reconciliando-se com os seus defuntos, dos quais estava se afastando como um ingrato.

Beltrão pontua a preocupação com o dinheiro como causa do prejuízo no cumprimento dos deveres do trabalho. Diante de uma posição incontornável, de ser rico



e nem sequer poder usufruir um pouquinho daquela fortuna, Juca tomou uma decisão radical:

Tornou a guardar as moedas no baú, retirando das prateleiras do armário monte por monte. Trancou cuidadosamente o cofre e colocou a chave na caixinha de ferro. Tomou a pá de pedreiro e, à meia-noite, noite escura, com muito vento, nenhum notívago, outra vez percorreu o caminho indicado pelo anjo dos Cavalcanti, rumo ao esconderijo do tesouro.

Não foi difícil alcançar os alicerces da casa que, agora, estava sendo reconstruída. Os pedreiros já estavam quase chegando com o piso de cimento ao antigo leito da botija. A pá escavou alguns centímetros e logo ele ouviu o toque de metal com metal: ali estava a moeda que ficara enterrada, conforme a determinação do anjo. Juca cavou mais alguns centímetros e acondicionou no fundo da cova o baú do tesouro. Cobriu o buraco de terra e cascalho, contou cinco palmos para fora e abriu uma cavidade menor para a caixinha de ferro com a chave. Todo tampado, uma breve e tênue claridade da lua nova mostrou-lhe um amontoado de massa traçada, que sobrara dos trabalhos do dia. Com a pá realizando serviço a que estava afeito, foi espichando a massa sobre a superfície recém-mexida para enterra a botija, até que cobriu a área na mesma espessura da parte já pavimentada. Ninguém notaria pela manhã o pequeno acréscimo.

Então, afastou-se tranquilamente do local, de volta à Rua dos Gatos, Juca da Paixão, coveiro, servidor dos mortos, não mais mensageiro de anjo, porém, sempre, *jardineiro das almas* de açucenas, margaridas e verbenas. (grifo nosso)

Considerações Finais

Beltrão em sua teoria da Folkcomunicação tratou de desvendar as crenças (*catimbós*) do homem do interior do Brasil para descobrir de que modo se dão os processos mediante os quais “as camadas menos cultas e economicamente mais frágeis da sociedade urbana e rural” (2001, p.221) recebem e traduzem as informações, e de que modo também cristalizam suas opiniões, orientando as ações de toda a vida. Desse modo, o autor chegou à conclusão de que através do folclore e de seus elementos, o homem dos catimbós recebe, opera, atualiza e mantém as informações e as crenças recebidas. Então, a teoria da Folkcomunicação é “a matriz que estuda a comunicação com foco nos agentes e nos meios populares de informação de fatos e expressões de



ideias” (BELTRÃO, 2001), delimitando mais um marco da evolução dos estudos sobre a cultura humana.

Segundo Marques de Melo (2004), a evolução histórica do homem sempre deu destaque a dois polos distintos de estágios culturais numa mesma sociedade cuja organização e estratificação e cuja determinação está “nos modos de produção, historicamente determinados”. Por esta razão, o próprio autor afirma que a cultura de massa atua como veículo de interação entre a cultura clássica e cultura popular estimulando o intercâmbio simbólico entre elas, e ao mesmo tempo, extraíndo de ambas os códigos e elementos místicos que incorpora ao seu próprio acervo e os retribui sob a forma de novas influências.

Neste estudo, portanto, defendemos a posição de que as narrativas literárias, desde a Antiguidade clássica, são o repositório da cultura humana. Por tal razão, o conto de Beltrão faz emergir as marcas da religiosidade, do sagrado em relação à morte e às crenças milenares, sem deixar de mostrar sua porção universal. Neste conto, LB demonstra, através das personagens, coragem, ingenuidade, fé, ceticismo, obediência, desesperança, num mundo possível de ser verdadeiro. Isto porque “A literatura é, por excelência, a arte da interpretação: interpretação do acontecido, do imaginário, do vir a ser. Porque a interpretação do presente, do momento o qual vivemos, cabe especificamente à categoria de homens de letras que exercem o jornalismo, e que se acham jungidos à atualidade como Prometeu ao seu rochedo” (BELTRÃO, 1972, p.60).

No elenco de crenças que tem a fé como elemento intrínseco às bases da cultura, as histórias que envolvem a morte e o sobrenatural continuam atuais, resistindo ao tempo e permanecendo atuante desde tempos históricos mais remotos. Câmara Cascudo (2004) afirma que a cultura popular é rica porque representa o “saldo da sabedoria oral da memória coletiva”, que é viva, transbordante de gestos, falas e usos que fundam o que de mais importante permanece na cultura de um povo. Nesse quesito, Luiz Beltrão pode ser considerado um mestre da narrativa da cultura popular brasileira.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013
GT1 – Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia

Porém, como afirma o próprio LB, a Folkcomunicação não é uma comunicação classista, pois ele percebera a partir de seus estudos que entre os saberes do povo não há hierarquias e sim apenas apropriações de conhecimento e expressão de ideias, de experiências e vivências. Desse modo, ao apresentar Juca da Paixão como protagonista de um conto onde se misturam o sagrado e o profano, o objetivo e o subjetivo, o real e o sobrenatural, Luiz Beltrão reafirma seu lugar de comunicador e, sobretudo, de educador.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- BELTRAO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BELTRAO, Luiz. **Contos de Olanda**. Recife: FUNDARPE, 1989.
- BELTRÃO, Luiz. **Sociedade de massa**: comunicação e literatura. Petrópolis (RJ): Vozes, 1972.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Civilização e cultura**: pesquisa e notas de etnografia geral. São Paulo: Global, 2004.
- DIAS, Eliane Penha Mergulhão. **Marcas Comunicacionais na obra literária de Luiz Beltrão**. Tese de Doutorado pela Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2008.
- MARQUES DE MELO. Folkcomunicação: contribuição brasileira à Teoria da Comunicação. p.11-24. In: Sebastião BREGUEZ (org.). **Folkcomunicação**: resistência cultural na sociedade globalizada. Belo Horizonte: INTERCON, 2004.